

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

EUZENIR NUNES SARNO
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Memória e história da hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)

Entrevistado – Euzenir Nunes Sarno (ES)

Entrevistadoras – Laurinda Rosa Maciel (LM) e Mariana Santos Damasco (MD)

Data – 16/02/2005

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 46m53s

Transcrição – Angélica Estanek Lourenço

Conferência de fidelidade – Mariana Santos Damasco e Laurinda Rosa Maciel

Sumário – Angélica Estanek Lourenço e Monique de Jesus Assunção

Resenha biográfica – Angélica Estanek Lourenço e Monique de Jesus Assunção

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

SARNO, Euzenir Nunes. *Euzenir Nunes Sarno. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória e história da hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)*, 2005. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2023. 24p.

Resenha biográfica

Euzenir Nunes Sarno nasceu em 1938, na Bahia. Em 1963, concluiu o curso de Medicina na Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP), em Salvador, Bahia. Logo após sua formatura ingressou na Residência Médica em Anatomia Patológica, na mesma instituição. Veio para o Rio de Janeiro onde trabalhou no Departamento de Anatomia Patológica da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e realizou pesquisas sobre hepatite B. Alcançou o título de livre docência pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1971. Desde 1976, tem sido orientadora de diversas dissertações de mestrado e teses de doutorado nas áreas de Dermatologia, Nefrologia e Medicina Tropical na UERJ, da Universidade Federal Fluminense (UFF), UFRJ e do Instituto Oswaldo Cruz (IOC).

Em 1986, foi convidada por Sérgio Arouca para trabalhar como Chefe do Laboratório de Hanseníase, na Fundação Oswaldo Cruz e empreendeu uma série de modificações no Departamento, tanto na parte física do prédio, com a modernização de equipamento e instalações, como incentivando a qualificação profissional dos que lá trabalhavam; permaneceu neste cargo até 1997. Participou de vários congressos ao longo de sua carreira acadêmico-científica, dentre eles podemos destacar os Congressos Internacionais de Hanseníase, o I Encontro Nacional de Tuberculose e o XXVII^o *Meeting of the Brazilian Society of Immunology*, realizado no Rio de Janeiro, em 2003.

A convite do Dr. Paulo Gadelha, presidente da Fiocruz, assumiu a Vice-Presidência de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico, em 2001, onde permaneceu até 2005. De 2005 até 2015, voltou a assumir a chefia do Laboratório de Hanseníase da Fiocruz. Em 2018, recebeu o título de Pesquisadora Emérita. É autora e co-autora de inúmeros artigos acadêmicos, livros e relatórios de pesquisas desenvolvidas ao longo de sua trajetória profissional.

Sumário

Fita 1 – Lado A

Sua formação médica na Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública, em 1963, e a opção pela especialização em Anatomia Patológica; a vinda para o Rio de Janeiro, em 1967, o trabalho na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a pesquisa com hepatite tipo B; os primeiros contatos com a lepra e a pesquisa em conjunto com Dr. Sari Koop sobre imunologia da lepra; início da carreira profissional na Fiocruz, em 1986; os projetos em poliquimioterapia e sulfona com verba concedida pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP); as mudanças realizadas no Laboratório de Hanseníase da Fiocruz, com melhorias e modernização do espaço físico, qualificação de seus profissionais e a relação da Fiocruz com a Organização Mundial de Saúde (OMS); comentários sobre sua tese de livre docência pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1971; motivos da escolha em estudar lepra e lembranças da graduação; razões da mudança de Salvador para São Paulo, devido à ditadura militar da década de 1960; o convite recebido de Sérgio Arouca para trabalhar na Fiocruz, e as primeiras resistências encontradas; o convite recebido por Paulo Gadelha para a vice-presidência de Pesquisas e Desenvolvimento Tecnológico, em 2002; o trabalho de orientação de teses e dissertações e as aulas no Instituição Oswaldo Cruz (IOC) de biologia celular e nuclear.

Fita 1 - Lado B

A satisfação em ser professora e sobre o ensino tradicional e suas limitações; a importância da participação em Congressos; aspectos diferenciados sobre o bacilo da lepra e as impossibilidades de seu cultivo em meio de cultura; a mudança do nome da doença de lepra para hanseníase e suas implicações.

Projeto de pesquisa – Memória e história da hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)

Entrevistado – Euzenir Nunes Sarno (ES)

Entrevistadoras – Laurinda Rosa Maciel (LM) e Mariana Santos Damasco (MD)

Data: 16/02/2005

Fita 1 – Lado A*

LM – Projeto História e Memória da Hanseníase através de seus depoentes, entrevista com a doutora Euzenir Nunes Sarno, hoje é dia 16 de fevereiro de 2005, estamos aqui no Laboratório de... Meu nome é Laurinda [Rosa Maciel], nós [com Mariana Santos Damasco] estamos aqui com a Dra. Euzenir. Doutora gostaríamos que a senhora começasse essa nossa conversa... do começo mesmo, não é? Seu nome todo, onde foi que a senhora nasceu, quando, o nome dos seus pais, irmãos se houver e um pouco dessas lembranças assim da... dessa primeira infância, os primeiros estudos. A senhora fica à vontade (**risos**). Temos todo o tempo do mundo, a senhora é que vai ditar o nosso ritmo...

ES – Eu só tenho até às três horas. Bom, olha eu não sou muito chegada a falar essas coisas de passado não, porque.... na verdade eu não me lembro, mas... é nasci em 1938, e vamos dizer assim, estudei em alguns colégios públicos, particular, fiz vestibular na Medicina e me formei em 1964, não é? E me formei em [19]63 e logo depois do..... entrei numa residência médica e me dedicava à Patologia, Anatomia Patológica. Essa foi a profissão que eu escolhi, a especialização que eu escolhi no Curso Médico e já durante o curso médico, já me dedicava à Anatomia Patológica e quando me formei, fui fazer a residência, mas, só que com a revolução de agosto de 2004.... de [19]64, nós nos transferimos para São Paulo. Eu já estava casada e nós fomos morar em São Paulo e lá nós ficamos; eu fiquei lá..... quando nasceu minha filha, eu fiquei lá alguns anos, uns três anos ou quatro, fazendo Anatomia Patológica, uma residência no Hospital dos Servidores do Estado, quando nós então resolvemos vir para o Rio de Janeiro, onde nós encontramos um grupo de amigos, que tinham vindo pra cá também e eu fui trabalhar na UERJ [Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Fui trabalhar na UERJ, na patologia da UERJ, na patologia e lá fiquei durante de [19]60..... isso foi mais ou menos em [19]67, [19]68, foi em [19]67, [19]68 e aí fiquei lá até alguns anos atrás quando me aposentei com 25 anos de serviço. E lá na.... durante os 20 anos que eu fiquei lá, 25 anos na verdade, alguns anos já estava aqui, eu me dedicava ao estudo da hepatite, vírus B, tipo B.

* LEGENDA:

Palavra sublinhada – demonstra ênfase na fala.

Palavra em *italico* – não pertence à Língua Portuguesa.

Palavra em **negrito com um ponto de interrogação junto** - é porque não se tem certeza dos fonemas ou da grafia.

(...) - é para demonstrar silêncios ou pausas na fala, como se o orador estivesse pensando, ou tiver sido interrompido pela fala do outro, ou qualquer coisa equivalente.

Palavras em (**negrito e entre parênteses**) - necessidade de explicar algo ocorrido e estranho à fala, como tosse, riso, pigarro, batidas de marcação da fala, toque de telefones etc.,

(inaudível) – palavras incompreensíveis devidos a problemas de gravação ou fala.

LM – Certo.

ES – Minhas publicações, todo o meu *background* era muito em cima de patologia e fazia patologia mesmo, anatomia patológica, necropsia, gostava muito de fazer minha profissão, aliás, gosto dela até hoje, é a minha especialização e começamos a trabalhar em lepra, fazendo alguma orientação de tese, não é? Apareceu uma tese que me pediu para orientar, tese de doutorado, nós orientamos, entramos então num conhecimento com as pessoas que trabalhavam com a doença. E em 1981, nós fomos procurados por um grupo americano convocado pelo doutor..... digo encabeçado pelo doutor Zanvil Cohn que é também um dos maiores...

LM – Doutor?

ES –. Zanvil Cohn, tenho vários artigos publicados com ele; é talvez um dos maiores pesquisadores em imunologia que existia no mundo, ele tinha um prestígio enorme na Universidade de Nova Iorque vieram para o Brasil e me contactaram querendo trabalhar com lepra. Então, nós montamos lá [UERJ] uma área de pesquisa; eu abandonei praticamente a hepatite e nós montamos então um grupo de pesquisa lá e começamos a fazer projetos em conjunto. Eles vinham regularmente durante muitos anos, até [19]86 quando eu vim para a Fiocruz, eles vinham regularmente todo ano, a gente fazia projetos juntos e começamos a estudar vários aspectos da imunologia da lepra e até que um dia, eu fui.... logo quando houve aquela abertura, com aquela coisa da queda da ditadura, ou seja, as mudanças todas, a abertura democrática.....

LM – Nova República e tal.

ES - Foi para o Ministério [da Saúde].....ocupou cargos do Ministério algumas pessoas ilustres da área de lepra, uma era a Fabíola...

LM – Fabíola Aguiar [Nunes], não é?

ES – Fabíola Aguiar e a outra foi para o Programa de Lepra¹ que foi a Maria Leide Oliveira. Então, eles sabiam desse trabalho que eu estava fazendo na UERJ e nós tivemos contato etc, porque todo mundo sabia na área da lepra, que era uma comunidade pequena; foram me procurar e nos apresentamos então, me convocaram e pediram para vir para a Fiocruz. Que eu estava fazendo o meu concurso para professor titular na ocasião, não é? Professor titular de lá e achei que não, resisti um pouco de vir e.....isso foi 1986 tinha que.... passaram-se alguns meses e então nós fomos procurados pelo Ministério [da Saúde] e a Fabíola [Aguiar Nunes] me ligou várias vezes, o pessoal da FINEP e nós marcamos para eu vir aqui conhecer o serviço que eu não conhecia, não é?

LM - E nessa época foi o Instituto de Leprologia tinha recém..... recém não, mas tinha...

¹ Na verdade, a depoente se refere à Dermatologia Sanitária, que dirigia os programas de cuidado e atenção à hanseníase no Ministério da Saúde.

ES - Tinha antes², ele chegou aqui em [19]75 eu acho que 1975, não sei bem a data e quando eu cheguei aqui encontrei aquele prédio lá, doutora Lygia [César Madeira de Andrade], essa pessoa maravilhosa Dra. Lygia de Andrade durante muitos anos, acho que 30 ou 40 anos, chefiou o Instituto. Mas, o prédio e as instalações estavam completamente decadentes, o que tinha lá era tudo o que tinha vindo do Instituto de Leprologia³.

LM - Que já era antigo à beça...

ES - Quase 100 anos de idade, tudo, equipamento, eles estavam realmente numa situação horrível, sem nenhum... mas estavam vindo para a Fiocruz. Foi muito interessante isso, esse movimento por parte da Presidência do [Sérgio] Arouca junto com a FINEP, aqueles projetos chamados FINEPÃO e forçados pelo Ministério, ou seja, vamos dizer assim, pressionados pelo Ministério eles incluíram no FINEPÃO dois projetos de lepra, um que foi o início do tratamento do PQT [poliquimioterapia].

LM – Da Poliquimioterapia.

ES – Da Poliquimioterapia no Brasil. Existiam alguns lugares fazendo, mas a Fiocruz não fazia. Então, o Ministério [da Saúde] tinha interesse da gente acompanhar, uma coisa foi essa, então se fez um projeto... o projeto FINEPÃO que foi muito bom. Quando eu cheguei aqui, esse projeto já estava inclusive em andamento, já tinha sido aprovado pela FINEP, já tinha a possibilidade de algum dinheiro chegar porque não existia nenhum dinheiro naquela ocasião, não tinha nada... mas tinham algumas pessoas contratadas e um outro projeto que era sobre resistência medicamentosa, não é? [Resistência à] Sulfona. Então, tinham dois projetos de interesse do Ministério [da Saúde] e da OMS, porque também foi ela que determinou, foi através da OMS que pressionou o Ministério para fazer isso. Então, a Fiocruz entrou neste FINEPÃO e isso foi uma coisa muito boa, talvez foi a única forma de ressuscitar porque quando eu cheguei, a Dra. Lygia [Madeira] estava fazendo 70 anos, então já ia se aposentar e nós encontramos já uma verba, não é? Um projeto pela FINEP que durou cinco anos com algumas pessoas contratadas, jovens profissionais, não tinha nenhum doutor, não tinha nenhum mestre, mas tinha um grupo grande, de umas 10 pessoas mais ou menos contratadas, as instalações físicas ruins, mas também com algum dinheiro para comprar alguma coisa. Então, nós começamos a gerenciar a parte toda de instalação e planejar equipamento...

LM – E equipamentos assim mais modernos também, a senhora falou que tinha uma defasagem tecnológica muito grande.

ES – Grande. Tinha o problema de rede elétrica, estava tudo podre. Então, nós insistimos muito e acabou que se fez uma reformazinha, melhorou, deu possibilidade de colocar algumas, alguns equipamentos; as pessoas com o passar do tempo foram se qualificando e hoje nós temos, lá no serviço, 12 ou 13 doutores, assim mesmo dois foram para os Estados Unidos e não voltaram, ficaram por lá. Vários foram para os EUA. Nós conseguimos, fizemos projetos para a OMS, a OMS veio várias vezes, organizamos uma reunião internacional aqui ainda em [19]88, [19]89, o [Carlos] Morel

² A entrevistadora e a depoente se referem a incorporação do Instituto de Leprologia à estrutura organizacional da Fundação Oswaldo Cruz.

³ A depoente se refere às instalações do Laboratório de Hanseníase, no *campus* da Fiocruz.

era presidente.... não, o presidente era [Sérgio] Arouca, e o Morel era vice-presidente, a OMS veio toda a área de leprologia para aqui, foi uma reunião de uma semana....

LM - Importante.

ES – Importantíssimo porque todo mundo ficou conhecendo a Fiocruz, aí se começou um relacionamento muito bom entre a Fiocruz e a OMS, tanto que nós temos até hoje projetos com a OMS.

LM – Certo. Projetos em conjunto.

ES – Esses anos todos, vão acabando os projetos, a gente vai renovando outros projetos, então [o que] nós tivemos foi muito importante. Depois acabou FINEPÃO, só ficou o dinheiro da OMS, então assim que foi possível.... e também nós entramos na comunidade da instituição científica, ou seja, as coisas mais modernas, as pesquisas mais fundamentadas, as pesquisas mais...

LM - Possibilidade de troca através de participação em congressos, publicações, projetos de pesquisa.

ES – Então, nós mandamos várias pessoas para o exterior, várias pessoas, foram muitos, praticamente todo mundo que podia, foi para o exterior e ficava lá um, dois anos... foi difícil, ficamos sozinhos aqui, mas depois foram voltando, foram voltando, abrimos mais projetos em colaboração internacional. Hoje a gente tem mais projetos internacionais e participamos de quase todos. Todos os fóruns de leprologia a Fiocruz é convidada e a gente ocupa vários comitês internacionais. Então, existe realmente, se criou realmente...

LM - Uma cultura dentro da instituição.

ES - Uma cultura na instituição e a instituição, ao mesmo tempo, foi aos poucos também, investindo naquela área física, foi melhorando o prédio, fazendo reformas que foram necessárias porque estava tudo caindo e foram melhorando. Hoje nós podemos dizer que o grupo hoje que era aquele..... que era de um grupinho de 10 ou 12 pessoas, hoje nós temos, na verdade de *staff* de 30 e tantas pessoas com...

LM – Um Departamento, três laboratórios...

ES – Departamento, cento e tantas pessoas trabalhando ali. O ambulatório tem sido, na verdade, a nossa maior dedicação e o nosso ponto assim que eu acho importantíssimo, mantemos a assistência lá, não é? Dando uma assistência de qualidade, testando as recomendações da OMS no sentido operacional e acompanhamos a PQT, estudando *coortes*. Então, nós temos *coorte* de quase 4000 pacientes acompanhados, contato de pacientes também acompanhados durante vários anos, também tem contatos. Então, isso tem dado a possibilidade de muitas teses, saiu mais de 30 teses dali, artigos publicados muitos, todos em revistas de impacto. Então, se criou a partir dessas estruturas que combinadas da iniciativa nossa de trazer dinheiro, não é? Que realmente podemos dizer que alguns anos nós sobrevivíamos só com os projetos, mas também tivemos, de outro lado, de uma compreensão da instituição no sentido de fortalecer isso....

LM – Da instituição em relação a..... importância do trabalho.

ES – Você vê rapidinho eu disse tudo.

LM – **(Risos)**. Pois é, eu queria só voltar numa coisinha, quando a senhora saiu de Salvador e veio... a senhora foi primeiro para São Paulo, não é isso? E depois veio aqui para o Rio de Janeiro e se estabeleceu na UERJ, e tudo mais. Então, a senhora fez o mestrado e doutorado aqui no Rio de Janeiro?

ES – Eu não fiz mestrado, nem doutorado.

LM – Ah! Foi direto à livre docência.

ES - Livre docência porque, naquela época em [19]64 não tinha, tanto que quando abri o mestrado e doutorado na UERJ, eu fui uma das professoras, não tinha o título, mas eu era uma das professoras porque eu tinha a docência.....

LM - Por conta da experiência tá...

ES - E tinha docência na UFRJ, porque eu fiz a docência na UFRJ, em [19]71.

LM - A livre docência a senhora fez na UFRJ, exatamente...

ES – Então, como eu tinha o título de livre-docente na UFRJ, eu fui colocada como professora, então comecei orientar tese, a fazer muitos cursos e me envolvi, acabei que eu fiquei... e só fui fazer o... mas a livre docência nós fizemos na UFRJ; eles fazem um sistema lá de avaliação que a gente recebe título de doutor e de livre-docente. Então, a gente tem título de doutor assim, mas não fiz doutorado.

LM - Mas a senhora, esse tempo de trajetória lá na UERJ, a senhora deu aula obviamente na graduação na pós-graduação...

ES – Ah! Eu era professora titular da cadeira da disciplina de Patologia geral.

LM - Patologia geral, tá.....

ES - Durante muitas anos, me aposentei como professora da patologia geral. Era professora e era Coordenadora de disciplina durante toda minha vida lá e foi uma experiência maravilhosa. Eu acho que eu posso dizer que a experiência mais digna que uma pessoa pode ter é participar da universidade, não é?

LM - Como é que foi o início dessa sua trajetória assim mais profissional, acadêmica e tudo com a lepra? A senhora estava na patologia, quer dizer, a senhora sempre estudou...

ES – Mas foi assim, não, não de jeito nenhum porque o patologista vê tudo, é biópsia...

LM - Vê tudo, exatamente não é só...

ES – Aí é uma doença infecciosa. Então, nas minhas andanças de patologista, eu via biópsia de lepra, mas eu só me interessei mesmo pela lepra quando eu tive essa... alimentação, essa motivação com o pessoal de fora.

LM – Entendi.

ES – Embora, tenha até orientado uma tese anterior de lepra, eu tinha orientado uma tese do... esqueci o nome dele, mas eu não me envolvi. Fiz aquela tese, orientei, mas não me envolvi. Eu só me envolvi quando os americanos me procuraram, aí a gente começou a estudar e começou a vir os pacientes e começava a pegar biópsias nos postos de saúde e comecei a ver pacientes muito, muita patologia, muita biópsia. Aí funcionando a imunologia, aí montamos tudo. Então, fui acompanhando bem mesmo e aqui também, quando eu cheguei nós tínhamos ambulatório, então..... no início eu ficava o tempo todo vendo os pacientes e tentando entender melhor a doença para poder fazer as perguntas adequadas e tudo. E acabou que eu abandonei a hepatite completamente e acabei que hoje só me interesse em estudar lepra e acabou-se a história e não tenho mais nenhum outro interesse.

LM – Por que a senhora foi fazer medicina?

ES – Ah! Menina não sei...

LM - Sempre se viu como médica? Foi uma coisa natural? Tinha exemplo de algum...

ES - Na verdade, meu pai era médico, meu pai não é casado com a minha mãe, mas ele era médico. Então, talvez isso tenha influenciado e minha mãe sempre que eu crescia, eu gostava muito de estudar, então ela achou que eu ia ser médica e eu fui gostando e fui estudando e cada vez estudava mais, na Bahia na verdade... naquela época, na Bahia 40 e tantos anos, quase 50 anos,

LM - Como é que era fazer medicina na Bahia? Uma mulher?

ES – Pois é, era raríssimo pois é...

LM – Pois é, devia ser uma turma enorme de homens...

ES - Ainda mais que nós éramos, nós éramos muito pobres, realmente muito pobres. Então, foi assim um esforço imenso, eu acho que a cabeça foi a minha mãe; até hoje ela está viva graças a Deus, com 89 anos.

LM - Que bom!

ES - Mas ela que incentivava a gente, que tinha que estudar e era trabalhando e todo mundo estudando e as minhas irmãs todas se formaram. Uma é a nutricionista, outra é enfermeira graduada, foram chefes de enfermagem, de nutrição. Minha irmã até hoje é professora da Universidade [Federal] da Bahia de nutrição, foi diretora durante muitos anos da Faculdade de Nutrição. Então, todo mundo deu para o estudo lá, o que a gente gosta mesmo é estudar, não demos trabalho para ela, mas acho que ela também influenciava muito, aquela coisa da dedicação, do esforço que ela fazia para gente estudar... então eu acho que... e na Bahia as opções não eram muito grandes. Naquela

ocasião se você era estudiosa, querer estudar e fazer carreira de estudo, ou fazia Engenharia ou fazia Medicina. Eu não queria fazer nem nutrição, nem enfermagem, então, eu gostava mesmo queria... muito preparo para pesquisa.

LM - E gostava das aulas já de anatomia...de dissecação.

ES - Logo no segundo ano eu comecei a estudar cirurgia e abrir cadáver e olhar patologia, tanto que quando eu saí da faculdade, eu tinha uma formação muito boa de patologia, de anatomia patológica, diagnóstico porque eu me enfiava nos laboratórios de manhã, tarde e noite lá. E foi ótimo, fui realmente profissional porque além de eu estar na UERJ, eu trabalhava também no INAMPS e no INAMPS, eu dava... fazia necropsia mesmo pesada. Na UERJ eu era professora, mas lá no INAMPS eu fazia patologia mesmo, anatomia patológica e autópsia e laudos e, eu gostava muito daquilo. Depois fui me afastando um pouco e fiquei mais na área acadêmica.

LM – Certo.

ES - Mas a residência, tudo... foi em anatomia patológica;

LM - E quando a senhora veio de Salvador aqui para São Paulo é... a senhora veio por conta de algum trabalho ou a senhora veio...

ES - Não, viemos todos fugidos do golpe [militar de 1964].

LM - Por questões políticas, certo...

ES – Porque nós éramos todos Partidão⁴, fazia parte do Partido Comunista e éramos todos estudantes de faculdades; meu marido também era diretor da UNE [União Nacional dos Estudantes], eu também vivia lá trabalhando. Então, nós éramos todos ativistas, como toda a juventude daquela época. Eu participava... em algum lugar estava metida: ou era na juventude católica ou era no chamado Partidão e todo mundo participava. E quando teve o golpe foi uma coisa complicada, entendeu? Tive que me aborrecer um pouco, ele aborreceu muito também, mas nós viemos para São Paulo com vários de nossos amigos baianos. Então, os baianos que vieram para São Paulo foram vários, história longa. E para lá eu conhecia muito médico, muito colega nosso até do comunista baiano que nos apresentou; então, eu comecei a trabalhar através da recomendação dele e fui trabalhar, era bolsista lá. E aí nós viemos todos, eu fiquei lá aquele período, mas é difícil a adaptação por causa do clima e nossos amigos mais que vieram, vieram mais para o Rio [de Janeiro], muitos ficaram em São Paulo, então nós estávamos muito isolados lá...

LM - Já estava longe de família e ainda ficar sem amigos era complicado...

ES - E aí acabamos, que meu marido também começou a fazer cinema e virou cineasta, então, aqui era melhor que no Rio, tinha mais clima e aí resolvemos voltar.

LM - A senhora conheceu Glauber Rocha?

⁴ A depoente quer dizer que eram todos ligados ao Partido Comunista Brasileiro, vulgarmente chamado de Partidão.

ES - Muito amigão da gente, frequentava a casa dele, frequentava nossa casa. Amigo querido ele. Ele, Gilberto Gil e Caetano Veloso vieram depois esses....

MD – Caetano Veloso...

ES - Mas eu ainda estava em São Paulo quando o Gil foi para São Paulo, tanto que nos encontrávamos muito com Gil e a família dele, do primeiro casamento dele, os vários filhos que ele tinha lá em São Paulo. Então, aqueles baianos todos saíram, alguns muito perseguidos, alguns muito perseguidos, a gente, meu marido, por exemplo, a família dele tinha várias pessoas procuradas, ele também, mas como tinham várias pessoas com mesmo nome, aí ele resolveu, trocou o nome, mudou o nome, aí não vou nem dizer que você vai identificar, fica meio complicado, mas foi ótimo porque cada um se arrumou, entendeu? A gente escondia, mas...

LM - Estratégia de sobrevivência, não é doutora?

ES – Foi muito interessante a vida da gente lá. E nós encontramos pessoas lá em São Paulo, pessoas mesmo que ficaram amigas, ajudaram muito a gente... porque no início ninguém tinha dinheiro, todo mundo duro, pobre. Já estava formada, mas não tinha trabalho, e foi tudo... e realmente encontramos uma comunidade muito legal, que apoiou todo mundo, muita gente se empregou. E muita gente ficou lá, uns ficaram por lá, não é? Que tem os alunos lá de hoje. Os outros vieram para o Rio, nós viemos para o Rio também, aí tinha essa possibilidade junto à UERJ, eu tinha um contato na UERJ, eu fiz um contato, tinha essa vaga lá, essa profissão de patologia, professor... que era o que eu queria.

LM - Que era o que a senhora fazia, isso.

ES - Aí eu vim para cá e aí montamos a casa e viemos, então.....

LM – E essa chegada aqui na Fiocruz, a senhora já falou mas é... como é que foi? Porque eu vou fazer essa pergunta porque a gente...

ES - Pode fazer.

LM - Tem dois depoimentos lá, que nos dizem que a senhora realmente deu uma lufada nova de ar, não é? Nessa área da hanseníase mesmo aqui na Fiocruz. Não só o ambulatório se transformou, a senhora trouxe pessoas de novas áreas, trouxe verba, enfim, trouxe uma nova mentalidade e oxigenou, não é? Então, como que foi essa entrada, essa chegada aqui? Teve resistência? Porque já existia algum grupo aqui dentro que trabalhava com hanseníase...

ES – Tinha, pra onde eu fui. Nós chegamos lá e existia um grupo realmente já... que estava ali há muitos anos, alguns tinham até vindo da leprologia, que eu acho que a [Maria] Eugênia tinha vindo de lá antes da clínica.

LM - É a Dra. Maria Eugênia [Noviski Gallo] veio do Instituto de Leprologia...

ES - Mas as pessoas começaram a... houve..... foi uma coisa um pouco difícil nos primeiros anos, não é? As pessoas ficavam fechadas, algumas pessoas... eu tive até ameaças por telefone e foi complicado algumas pessoas me agrediram pessoalmente.

LM - É mesmo doutora?

ES – É, houve sim. Houve pessoas que me acordavam todo dia de noite, me agredindo, pessoas que tiveram que sair de lá que a gente...

LM – Gente! Que horror!

ES – Teve que sair foi muito complicado lá no início. E mesmo as pessoas não tinham muito..... não tinha pesquisador, então as pessoas se sentiam muito...

LM – Invasoras?

ES - Foi bem complicado, né? Algumas pessoas ficaram, algumas pessoas se aposentaram, as pessoas antigas resistiram muito durante alguns anos. Depois foi engraçado porque depois, com o passar dos anos, eles foram.... acho que vendo o trabalho que era um trabalho que não era pessoal, eles começaram a aderir. Tanto que mesmo esses que fizeram resistência, têm umas pessoas até que ainda estão aí, horríveis, que hoje são pessoas amigas, eu também não sou uma pessoa...

LM – Rancorosa?

ES – Rancorosa.

LM - Ainda bem.

ES - Para mim passou aquilo, eu esqueci, já não estou mais me lembrando. E a gente recuperou praticamente todo mundo, acho que não ficou ninguém que não tenha sido recuperada e hoje as pessoas que ficaram todos estão aí, ninguém quer sair mesmo. Alguns anos foram passando, foram ficando sendo dedicados, alguns mais dedicados outros menos, como todo funcionário, mas não tem nenhuma pessoa... durante esses últimos anos, nesses últimos 10 anos tem sido tudo muito amigável, não é? As pessoas trabalham porque gostam, motivados; eu acho que aquela coisa do funcionário público, às vezes, tem aquela coisa de não vir trabalhar.

LM – É, pois é...

ES - Mas de alguma maneira as pessoas colaboram.

LM – Infelizmente isso existe.

ES - Quando eu chamo todo mundo tem muita consideração e acho que eu me sinto muito bem lá.

LM – Ótimo.

ES - Eu não tenho nenhum atrito com nenhum... com ninguém, nem com aqueles que eu acho que são menos dedicados.

LM – E como é que foi essa virada um pouco assim na sua vida profissional de sair de um laboratório assim super... da direção, super atuante e tudo mais, e vir para um posto, vamos dizer assim, que não é que seja burocrático, mas que a senhora está longe desse universo da bancada, da anatomia, da patologia? Como que foi essa mudança? Que fatores contribuíram para a senhora vir⁵? Foi um desafio?

ES - Eu acho que o fator maior foi a minha curiosidade...

LM – Sim.

ES - Eu acho que foi a curiosidade que quando eu fui... nunca pensei de ser convidada, nunca me passou na vida porque eu nunca gostei de me aproximar do poder. Todos os lugares que eu andei, eu era sempre oposição sistemática, no sentido assim não porque eu fazia ativismo e política, mas assim tinha aquela crítica um pouco assim em relação ao poder e aqui na Fiocruz eu nunca me aproximei por mais que você tenha o... [Sérgio] Arouca, foi ele que me trouxe para cá, mas nunca participei... tenho admiração ao [Carlos] Morel enorme; profissionalmente algumas vezes nos encontramos, mas também nunca me aproximei de ninguém, sempre ficava lá no meu canto. E, na verdade, o que me tocou, vou dizer para você, primeiro foi o convite que eu tive, foi uma surpresa para mim porque não estava nunca nos meus planos...

LM - A senhora pode dizer de quem recebeu o convite?

ES – É vou dizer, você vai gostar do que eu vou dizer. Não passava pela minha cabeça jamais ocupar cargos políticos, exercer um cargo político, nem por sombra. Castelo jamais, nunca.

LM - Castelo está aqui, você está lá (**risos**).

ES - Eu fora. Quando eu fui.....

(gravação interrompida)

ES - Quando um dia eu fui contactada, não sei nem como foi o contato, se ele me chamou aqui ou ele foi lá me falar, do Gadelha, Paulo Gadelha.

LM – Ah! Foi do Dr. Gadelha! Não sabia não.

ES – Paulo Gadelha, que o Paulo Gadelha é uma pessoa que eu tenho uma amizade imensa, ele e a Ângela foram meus primeiros alunos.

LM – Ângela?

ES – Ângela, a mulher dele.

⁵ A entrevistadora se refere ao posto atual ocupado pela depoente: Vice-Presidente de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico, onde permaneceu de 2001 a 2005.

LM – Ah! Sim.

ES – Ele, quando eu cheguei na faculdade, que eu comecei a tomar conta das disciplinas, ele estava... eu dava aula para o segundo ano, ele tinha terminado o segundo ano e se transformou no meu monitor, ele mais um grupo.

LM - Lá na UERJ?

ES - Lá na UERJ, eram uns quatro. Resultado: nós nos juntamos, eu era muito novinha naquela ocasião, bem nova, a idade era de pouca diferença, claro que sou mais velha do que ele, mas não era tanto. Nós nos juntamos e resolvemos mudar tudo no ensino, fazer uma revolução.

LM – Que ótimo!

ES - Fizemos assim... até hoje o curso que nós idealizamos naqueles anos, naqueles três primeiros anos, que eles ficaram comigo até formar, é o curso que está lá até hoje. É o curso moderníssimo, assim original, criativo, é uma coisa totalmente esdrúxula na universidade que a gente idealizou. Claro que com o tempo, foi perdendo um pouco aquela criatividade por causa das coisas também de organização. Nós tínhamos liberdade, uma liberdade 100% a eles. Então, tudo que dava na cabeça deles, a gente fazia com os estudantes. Fizemos cursos de férias durante anos, durante um mês inteiro das férias, janeiro inteiro fazia férias com os estudantes ficavam apinhados. Nós fazíamos cursos para monitor, tinham 50 monitores, não sabia o que fazer com tantos monitores. Menina, teve anos que foi assim....⁶ então eles, criou uma amizade muito grande entre eu e aqueles alunos, aqueles que ficaram monitores durante anos.

Então, tem muita gente aqui na Fundação, na ENSP [Escola Nacional de Saúde Pública] tenho vários que foram meus monitores assim, Virgínia [Schall], não sei quem mais, um monte de lá, daquela ocasião. E nós éramos muito amigos, naquela coisa ali, em oposição clara ao poder.

Então, eu representava assim com eles a oposição ao poder lá, então minha pessoa era... porque aquilo era coisa tradicional, o ensino era aquela coisa decorreba, tradicional, o estudante não tinha oportunidade de falar em plena ditadura. A política rolando lá, perseguição de alunos, alunos perseguidos, refugiados não sei o que. Então, a gente tinha mesmo...

LM - Já era ali no Maracanã?

ES - Era Maracanã. E a gente... ficamos ali juntos, aí sempre fui formando... o grupo que ele formava, ficava depois como monitor; então, foram anos muito bons, maravilhosos. E eu sempre muito amiga deles, gostando muito de todos eles, aliás tenho vários amigos que eu amo, adoro que nem meus filhos lá naquela ocasião. Aí eu via sempre o [Paulo] Gadelha que encontrava de vez em quando, ah [Paulo] Gadelha! Aquela festa quando encontrava com ele, que ele sabia que eu estava aqui, mas a gente quase não se encontrava, mesmo porque eu vivia lá trancada, a gente não se vê, nem se via, mas eu acompanhava a carreira dele, das pessoas, muito irritadas com a Casa de Oswaldo Cruz que estava se formando [risos], eu acompanhava.....

⁶ A depoente faz um sinal com os dedos como se indicasse um número grande de alunos.

LM – Eu não peguei este período não, que eu tenho 10 anos de Casa [de Oswaldo Cruz].

ES - Mas ele criou realmente...

LM – Mas, me contam...

ES – Foi importante... Aí, ele me liga. ‘ - Eu disse o quê? Não, não é possível, não sei o quê.’ ‘ - Não, não, pensa aí, não sei o quê’. Aquele jeitinho do Gadelha que ele convence tudo, a todo mundo.

LM – Você acaba fazendo, não é?

ES - Aí marcamos de eu decidir isso na Bahia, que eu ia a um congresso na Bahia. E a outra pessoa também que foi na minha casa me convidar, me convencer foi a que estava provisoriamente como vice-presidente que era a doutora Albanita [Viana de Oliveira].

LM - Eu só conheço de nome.

ES – É, é ela foi lá em casa, eu estava até doente nesse dia, toda gripada e ela foi lá e disse: ‘ - Ah Euzenir, você tem que aceitar, você tem de aceitar’. E eu não tinha dito... eu conhecia o Paulo de longe, nunca tinha falado com o Paulo, não conhecia ele. Aí eu digo: ‘ - Ah mas o...’ Mas ela: ‘ - Não que o Paulo é maravilhoso, não sei o quê, não sei o quê’. Bom, o Gadelha estando lá eu estou dentro porque você ele realmente... você tem um amigo num lugar onde eu não conhecia mais ninguém.

LM - É claro!

ES – E você não sabe onde é que é, nunca tinha vindo aí, não conhecia ninguém... aqui da Presidência não conhecia ninguém. Aí fui para o congresso na Bahia e conversei com ele lá e fui achando a idéia interessante, uma experiência boa de saber como é que eram as pessoas. Acho que foi uma curiosidade, tem horas que eu me perguntava isso há uns quatro anos: ‘ - Por quê que eu aceitei isso?’ (**risos**). Será que eu pensei que eu podia ficar na vice-presidência e ser oposição à própria vice-presidência do que (**risos**). Será que eu consegui fazer esse apoio? No fundo eu acho que sim, que eu faço tantas críticas à própria pessoa minha, que talvez eu tivesse que viver essa experiência. Então, foi mais muito isso, não é? Da gente de vir... mas eu não me desgarrei de lá [do Laboratório de Hanseníase] não, quer dizer, acompanho tudo e decido e... tentei o mais possível não haver uma perda, não é?

LM - Um hiato muito grande...

ES - Um hiato.

LM – É...

ES - E a Maria [Eugênia N. Gallo] que também é uma pessoa que eu gosto muito e me dou muito bem. Então, é sempre uma amiga... nós trabalhamos assim, todas aquelas coisas mais graves, a gente decide junto e a parte científica também. Todos eles lá [no Laboratório de Hanseníase] são meus amigos, gosto muito. Todos os projetos a gente

discute, a gente inclui, eu ajudo, leio artigos e... os artigos corrijo, leio e ajudo. Estou ajudando, tese eu tinha vários estudantes de mestrado e doutorado.

LM - Isso que eu ia perguntar porque a...

ES - Já ajudei muitos deles...

LM - A senhora não parou!

ES - Não.

LM - De orientar...

ES – Não, estou continuando e alguns já defenderam teses, tem umas duas ou três que ainda falta defender, duas. E mas não recebi nova, não peguei nenhum estudante novo de mestrado e doutorado nesses quatro anos não, estou pensando agora nessa a.....

LM - A senhora chegou a dar aulas no IOC?

ES - Dei um curso daqui, de biologia celular, biologia molecular.

LM - Sente muita falta da sala de aula?

ES – Eu sinto mais falta do debate dos alunos, sabe? A sala de aula... eu adoro dar aula, mas no meu estilo. Então, essa aula tradicional que todo mundo gosta de dar, eu não gosto muito não. Eu gosto de chegar na sala de aula me sentar num lugar e ficar ali conversando com eles, dizendo as coisas todas que eu sei e... esse negócio de dar aula...

Fita 1 – Lado B

ES - Nada comigo. Então, aí é diálogo, trocando experiência, gosto, aí eu gosto. Tanto que eu estava pensando aqui que eu vou até pedir às pessoas que eu quero começar a dar aula de novo (**risos**), me bota para dar umas aulas nesse curso sobre lepra para eu começar a... eu gosto, gosto, gosto muito. Agora eu faço muitas críticas ao ensino tradicional, acho que é perda de tempo para o aluno e para o professor. O professor não está ligando mesmo, aí já está perdido. Agora eu acho que pode ser muito enriquecedor se os dois estiverem querendo aprender, mas eu acho que é uma perda de tempo para os dois, se os dois não quiserem aprender, se não estiverem querendo aprender. Como, na verdade, na maioria das vezes, o aluno está querendo aprender, na verdade, quem está prejudicando ali é o professor. Eu acho que o papel do professor, na maioria das vezes, é péssimo e, na maioria das vezes, claro que talvez até não seja a maioria, seja a minoria, mas se você for lá e olhar, não aqui na Fiocruz, mas o ensino em geral...

LM – Sei.

ES - O ensino geral, se você for olhar os ensinamentos hoje... a qualidade do ensino é decorrente disso: o professor, ele está ali para ensinar o que ele sabe, não para aprender. Então, ele não tem nenhum compromisso com ele mesmo de aprender. Então, é professor e não está querendo aprender, ele não estuda, ele não acompanha, ele repete.

LM - Não se recicla.

ES - Cada vez sabendo mais, menos, porque aquilo que ele já sabia um pouquinho quando ele se formou ele perde tudo. Então, você vê essa coisa horrível que são os alunos que saem da universidade, não sabem nada. Aí você vai dizer: por que? Coitados dos alunos, ficaram lá dias inteiros, sem fazer nada, assistindo aquelas aulas horrorosas, perdidas, aí sai sem saber, quem é o culpado? É o aluno? De jeito nenhum, de jeito nenhum. O aluno entra na universidade fazendo um esforço desgraçado, quer ser médico, quer saber desse assunto, senão ele não vai ter cliente, então é por isso, mas ele não consegue, como é que ele consegue aprender se o ensino é uma droga?

LM – E por quê que a senhora acha que a situação ficou desse....

ES - Eu acho sempre que foi uma coisa complicada, eu acho que...

LM - Está muito pior nos últimos tempos...

ES – Óbvio que há mais alunos e os cursos ficaram mais... o ensino geral piorou, se você olhar o ensino, a qualidade do ensino em geral, a pessoa que chega na universidade hoje, tem que saber muito menos, muito *background* do que era antigamente. Então, hoje o acesso é bem maior; então a coisa seletiva, ela ficou muito pouca. Então, você vê a quantidade das pessoas que saem da universidade que é simplesmente terrível, está... ontem estava conversando com uma professora (**inaudível**) ela não quer orientar mais mestrado, ela disse: “Eu não oriento mais mestrado, eu tenho que ensinar o cara escrever português. Eu não quero, eu não oriento mestrado, se não puder orientar alguma turma, eu não oriento mestrado”. Professor da ENSP. Você vê, o mestrado... você imagina o pobre do aluno quando se gradua, é um esforço louco que eles fazem, entendeu? Para poder sair sabendo um pouquinho, aqueles que são mais bem nascidos, que estudaram em colégios muito bons...

LM – É, que já traz um...

ES - A família, aquela coisa cultural, se safa um pouco, mas aquele que depende da escola pública ou particular, tanto faz uma ou outra, tá frito. Tá frito, ele realmente... aí você vê isso que você está vendo aí, a desqualificação de tudo quanto é... a medicina como é um curso muito longo e ele está baseado na prática, na prática médica, a medicina tem muita coisa...

LM – É, o cotidiano...

ES – Trabalhar na prática. Então, você vê, eu tive alunos, péssimos alunos, eu me lembro de alguns péssimos que hoje são excelentes médicos. Alunos que não iam à faculdade que no segundo ano se meteram nos hospitais...

LM – Aprenderam.

ES – Para fazer cirurgia ou fazer obstetrícia, ou pediatria e embromaram durante seis anos, mas saíram excelentes médicos. Na verdade, o quê que ele fazia? Ele abandonou a universidade mas ele estudava, ele tinha prática e ele estudava junto com a prática, ele fazia aquilo que a universidade fazia, não fazia porque não faz. Se o aluno não correr

atrás dos plantões, de tudo mais, não faz. Então, essa é a crise, não é? Isso na medicina, imagine nas outras áreas que não tem prática, que não é a prática... se ele não vê o doente por quê que o cara depois que se forma seis anos, ainda vai fazer três anos de residência? Porque ele sabe, se ele não ver doente, vários daquela doença, ele não aprende.

LM - Ele não aprende.

ES - Porque a forma, não existe outra forma de você aprender a medicina; é você fazer a cirurgia várias vezes, cortar daquela maneira, várias vezes, depois dobrar daquela maneira, estruturar para ele aprender a fazer aquilo. Então, ele tem que fazer muitas vezes, aquilo faz com que ele corra atrás da prática.

LM – Certo.

ES – E eu não estou inventando, todos os... é a prática que faz a gente aprender, é a partir da prática que você vai buscar a conceituação, o entendimento, o porquê, o tipo de tecido e aí você começa a desenvolver o interesse pela teoria, que vem da prática. Agora dizer que dá alguns dados teóricos e na hora o cara vai pegar a prática e vai acertar, isso é furada. Eu acho que isso é um grande furo das... profissões que não têm essa coisa da prática acho que fica muito sacrificada.

LM – Certo.

ES – A Engenharia, por exemplo, não fica tanto porque a engenharia é o cara tem que pegar mesmo, fazer. Ele não aprende, se ele não fizer parede, pega um pedreiro faz melhor do que ele, ainda vai dizer: ‘ – Olha.....

LM - Que não tem estudado... exatamente.

ES - Essa parede...

LM - Ainda dá aula para ele.

ES – Então são profissões que realmente... mas é muito difícil, olha... universidades, o ensino em geral, as pós-graduações também podiam ser muito melhores, entendeu? Desenvolver mais essa coisa do aprender, da auto crítica, da criatividade, do desenvol... e buscar o aprender, não essa coisa que fica muito assim...

LM - De cumprir o programa, a senhora tem muita crítica a essa...

ES - Eu acho que o que a gente tem que fazer... é que as pessoas não querem, elas querem aprender, o processo é o aprendizado. Então, eu acho que como você faz para aprender não ensinando a ele, não é ensinando a ele, é ele aprender. Olha, não é você dizendo a ele o que ele precisava saber, ele descobrindo... ele aprendendo aquilo, é um processo inverso, eu entendo um processo inverso do que existe. Esse conceito de ensinar é muito mais fácil...

LM - É muito mais dialético do que se diz...

ES – Quanto mais pedagogo pior, eu acho... você tem que aprender assim, assim, dessa maneira, nessa ordem. Aí pronto...

LM - É uma normatização.

ES - Aí que estraga tudo mesmo.

MD - Todo mundo igual, todo mundo é igual, aprende da mesma maneira, ao mesmo tempo...

ES - Como se todo mundo fosse igual, mas não é. Cada um tem processo, quer dizer, o processo mental, neurológico de aprendizado, cada pessoa aprende de uma maneira. Você pode até dizer assim: ‘ - Oh tem faixas, você pode com grande amostragem fazer faixas, não aprende a ser...’, mas individualmente, cada um aprende de um jeito, se você não faz a pessoa descobrir da forma que ela aprende, você pode dar as aulas que der, mandar fazer mil provas que ela não aprende nada. Ele só aprende aquilo que ele descobriu, que aprendeu, que é método dele, o modo dele, a coisa que ele quer... é muito complicado, acho que a gente perde muito tempo nessa coisa de ensino, ensino, mas eu gosto de ver as experiências.

LM – Certo, é.

ES - Eu gosto muito de inovações.

LM – A senhora falou muito aí de troca, de debate, de conversas e tudo mais. Então, como que foram assim os congressos que a senhora participou até hoje? É um campo bom? A senhora consegue exercer plenamente isso que a senhora pensa em relação? Quer dizer a senhora poderia enumerar os mais interessantes que a senhora participou ou pessoas interessantes que a senhora conheceu ou grupos de pesquisa que se formaram?

ES – Olha a coisa da memória vai ficando velha, vai se esquecendo. Depois de muito velha começa a lembrar o bem passado, então eu estou chegando nessa fase, por enquanto eu estou esquecendo...

LM - Porque é um lugar onde a gente troca muito.

ES – Eu gosto muito de congresso. Acho que o congresso é uma forma de aprender, o cara está ali, ele aprende da forma que ele está querendo, vai assistir alguma coisa, é a prática do aprendizado, aquele negócio ali, não é? Em que você busca os pares, você acha que aquilo vai aprender, isso é ótimo. Então, eu acho que a gente tem que ter uma política até melhor na instituição de apoio às pessoas participarem, claro com uma seleção porque também nem todo mundo é bom... quer dizer, está propenso, tem capacidade, mas eu gosto muito, participo. Recentemente, no ano passado, eu passei assim alguns meses encrocada, preparando uma apresentação para o congresso. Levei meses porque não tinha tempo, só tinha fim de semana.

LM - E toda a vida pessoal é sacrificada...

ES – Põe *Power Point e Data show*, não sei o quê, eu não tenho treino muito em computador, tenho uma dificuldade horrorosa. Então, para apresentar ali em 40 minutos uma experiência, os trabalhos que a gente tem feito esses anos todos, selecionei um grupo de trabalho. Foi uma experiência ótima, foi a melhor coisa que eu fiz nesses quatro anos, naquele dia em São Paulo... foi em São Paulo.

LM - Foi em São Paulo o congresso?

ES - E que eu fui lá, então foi assim: depois que acabei de apresentar, numa comunidade em que ninguém nunca ouviu falar em lepra, ninguém nunca sabe nada de lepra.

LM - Foi o Encontro Nacional de Tuberculose?

ES – Não, não.

LM – Não.

ES - Foi ano passado, esse ano aí.....

LM – 2004.

ES – Que foi na *São Paulo Search Conference*, uma conferência, não sei se está aí?

LM: Ah tá. Eu não separei aqui, mas está.

ES – Está?

LM - Está no seu currículo sim, exatamente.

ES - Então eu... uma comunidade que ninguém... uma comunidade só acadêmica, naquela academia paulista, um nível alto assim; eu com um medo horrível da apresentação porque ninguém sabia nada de lepra, um assunto que ninguém se interessa, ninguém trabalha.

LM - Ninguém se interessa?

ES - Quem vai se interessar de lá? Sabe que foi tão interessante!

LM - Que bom!

ES - As pessoas se interessaram tanto, perguntaram, se tivesse mais tempo, tinha ficado lá uma hora conversando, as pessoas curiosas de saber o processo da doença, como que era o bacilo, a coisa da inviabilidade, a incapacidade de ser cultivado, a coisa do nervo, como é que se dá a coisa do nervo, como é que é o estudo da parte do nervo, eu coloquei que a doença que faz essas deformidades. Foi assim tão interessante... saí tão gratificada! Olha valeu todo o meu esforço, todos os fins de semana que eu perdi preparando a conferência.

LM - Perdeu de um lado, mas ganhou muito de outro, não é?

ES – Acho isso um momento assim... ali foi um aprendizado para mim, onde as pessoas estavam ali quem estava aprendendo era eu, no dia que eles me perguntam quem aprende sou eu porque aí você revê o que você vai enfocar...

LM – Exatamente.

ES – É porque sabe....

LM - Reelabora também e repensa sobre aquilo. A senhora falou uma coisa que eu acho assim, uma das coisas... que se a gente for pensar na pesquisa básica em relação à doença, ao bacilo e tal, que é essa impossibilidade do cultivo que faz com que ele seja essa coisa diferente. Eu acho super atraente, embora não seja meu campo de atuação, mas eu acho assim uma coisa que deve realmente instigar a pesquisa, a curiosidade de saber o porquê.

ES – Instiga mesmo. Hoje a gente com a proximidade da biologia molecular e que a gente está estudando todo o genoma, está sendo rastreado o genoma.

LM – Isso, rastreado. Tem até o doutor Milton (Ozório Moraes), não é? Que estuda isso...

ES – Então, a gente já até entende um pouco, mas não está explicado não, que realmente é um bacilo muito decadente, no sentido de que ele está, seria um ser vivo que geneticamente estaria em extinção, não por causa da ecologia, mas por causa... a ecologia dele, que a ecologia dele é ele e a célula que ele parasita.

Quer dizer o micro ambiente ecológico dele está se perdendo, ele está perdendo, está perdendo os genes, está perdendo possibilidades. Então, talvez daqui a alguns milhares de anos, essa bactéria não consiga sobreviver na célula humana. Então, é uma coisa interessante, eu acho que essa coisa... essa atração que a gente tem pelo genoma da bactéria lepra, é uma coisa assim incrível porque hoje em dia você sabe... hoje 130 genes só exclusivo da mico-bactéria lepra, só ela tem. Então, você estudar aqueles genes, qual é a função e saber porquê que elas têm que ficar na célula, não tem nenhuma outra célula, isso provavelmente dentro uns 20 anos, a gente esteja entendendo o porquê que ela não cultiva. Agora fazê-la cultivar, impossível.

LM – É.

ES – Não tem nenhuma possibilidade na...

LM – [Heraclides César de] Souza Araújo tentou muito...

ES – É...

LM – Ele e muitos outros.

ES - Mesmo hoje com toda a modernidade...

LM - É uma particularidade...

ES - Não consegue traduzir os genes perdidos. Você pode até fazer transgênese, botar alguns... provavelmente alguém vai trabalhar isso, colocar alguns gens perdidos que tenham outras mico-bactérias e ver se ela consegue multiplicar porque ela não duplica, porque toda célula viva, para poder se manter viva, ela tem que duplicar, se proliferar senão ela morre. Com... a única célula que não faz isso é o neurônio porque ele tem uma vida longa, muito longa, é por isso que gente não morre (**risos**). Então, mas toda célula tem que dividir, tem que dar uma outra para substituir pela vida inteira. Como ela não faz isso, a bactéria você bota ela no meio de cultura, ela não prolifera e depois morrem todas. Então, talvez você fazendo transgênese você consiga enfiar algumas... é possível que tenha alguém já fazendo isso em algum laboratório sofisticado nos EUA, mas também lepra não é uma coisa muito atraente.

LM – Não é uma coisa atraente.

ES – Se fosse uma doença americana... se houvesse uma epidemia de lepra nos Estados Unidos, você pode ter certeza que em 10 anos sabia tudo da lepra.

LM - É verdade, aí a gente entra num outro ponto que é o... não é descaso, desinteresse ou ser o fato de uma doença que não gera muitos atrativos pelos governos, que durante tanto anos ela ficou meio relegada. Nos últimos tempos a gente tem visto um apoio assim maciço em relação a se cumprir a meta da eliminação e tudo mais, mas durante muito anos não... a coisa ficou muito...

ES – Escondida...

LM - E escondido um...

ES - Primeiro mudaram o nome da lepra para hanseníase, até que as gerações absorvessem que aquela palavra era o mesmo significado que a outra... se vê hoje, muitos médicos hoje não sabem que o nome da lepra é hanseníase, aquele que é hanseníase não sabe que é lepra. Então, até hoje... não digo nem no nível do povo, quer dizer, o inconsciente coletivo, digo no nível de profissional. Eu saí da universidade não sabia o que era hanseníase, sabia o que era lepra, não sabia o que era hanseníase. Quando eu vi a seqüela pela primeira vez, não sabia o quê que era, eu não sabia o quê que era, depois de formada. Eu só sabia o que era lepra, na Bahia só se falava a lepra, por isso que eu aprendi a falar lepra, era leprosário. Agora quando eu ouvi falar da hanseníase para aqui para São Paulo e pro Rio que ouvi falar hanseníase, aquilo até hoje para mim não consigo, parece que estou falando de outra coisa, aí eu tenha que me policiar no lugar que eu não posso falar lepra....

LM - Não é politicamente correto...

ES - Porque quando eu falo hanseníase, eu digo não, não é... no meu inconsciente não é a mesma coisa, então você imagina, isso leva gerações para poder distinguir isso que foi feito há alguns anos atrás, 20, 30 anos atrás,

LM – É, foi na década de [19]70, não tem 30 anos ainda.

ES - Então o inconsciente coletivo desapareceu... sumiu essa doença chamada lepra, então todos os profissionais que iam se formando, todas as profissões, muitas pessoas

que... lepra sumiu, saiu da universidade, não se falava mais em lepra, não se dava mais em nenhuma... nem na dermatologia.

LM - Isso é muito louco, não é?

ES - Nem na dermatologia, começou a dar na dermatologia...

LM - O número de casos.

ES - Depois de uns anos para cá, começou a dar na dermatologia porque ficou anos sem dar. Só estudava mesmo quem ia ao leprosário aí sabia.....

LM - Quem tinha um interesse especial e particular por isso.

ES – O Ministério [da Saúde] por sua vez também foi abandonando, os estados abandonando e todos os doentes foram se acumulando, por isso que está essa incidência que a gente não consegue abaixar.

LM - É verdade.

ES - Casos muito antigos.

LM - Eu seria capaz de ficar aqui a tarde inteira conversando com a senhora mas eu sei, eu não quero abusar porque já são três horas, a gente está no seu tempo. Foi rápido, mas foi muito bom, eu queria agradecer a senhora por essa conversa.

ES - Você faça uma seleção do que você vai colocar.

LM – Tá, pode deixar.

ES - Qualquer coisa, porque coisas pessoais que não quis falar.

LM – Tá, pode ficar tranquila.

ES - Coisas que envolvem outras pessoas que a gente coloca...

LM – Não, pode ficar tranqüila, muito obrigada doutora Euzenir.

ES – Ainda mais que eu disse que era amiga do [Paulo] Gadelha, vai dizer: ‘ - Mas por que você disse que era minha amiga?’.

LM – **(risos)** Não, não tem problema não...